

#cm
2
TERÇA-FEIRA

VEM AÍ MAIS BRASILIDADE

Em mais uma edição, **o Festival do Rio consagra a força do cinema brasileiro**, o cinema que conta as nossas histórias. O pernambucano **‘A Margem do Rio’ (foto)** leva o título de Melhor Filme, **‘Elza’** é eleito o Melhor Documentário e **‘Vicentina Pede Desculpas’** domina com Direção, Roteiro e Júri Popular. Confira nas páginas seguintes **a análise do festival, a relação dos vencedores do festival e do Olhar Brasil, a premiação do Correio da Manhã.**

Redentor para a ancestralidade das lutas de sempre



Em meio a expressões autorais multidisciplinares, a competição da *Première Brasil* coroou 'A Margem do Rio' e 'Elza', dois retratos da força do povo preto deste país, onde fé vira garrote

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre os modos de ser (brasileiro) mais radicais, no âmbito do cinema, que o 28º Festival do Rio projetou ao longo de seus onze dias – abertos pelo épico espanhol “A Bola Preta” e encerrados na batida techno da dramédia made in USA “Club Kid” – houve uma expressão de serenidade e teve um gesto de picardia que se unem no discurso transmídia.

“Overman”, de Tomás Portella, é tira de quadrinho da Laerte em estado vivo, na forma de longa-metragem. Tem Caco Ciocler em modo Michael Keaton (vide “Birdman”), como um super-herói falido, desdenhado pela Gotham City que sempre chamou de lar. Do outro lado, está “Pitico - Hermes Ayres Azevedo (1881-1959) - Historiador da Província, um Julio Bressane entre a literatura memorial e o arquivo epistolar do passado.

Hoje octogenário, o mestre da realização que nos deu “O Anjo Nasceu” (1969) e “Filme de Amor” (2003) levou ao *Filmfest München*, na Alemanha,



'A Margem do Rio': paixão e desejo nos manguezais do Capibaribe



Equipe e parte do elenco de 'A Margem do Rio' na cerimônia de premiação

este ensaio poético (com Paulo Betti) sobre um historiador apaixonado por sua cidade do interior. Fez um “Invocação do Mal”, mas misturado com “Gasparzinho, o Fantasmilha Camarada”, em tom semiótico. Nem seu Pitico, nem o vigilante dirigido por Portella estiveram em concurso, na briga pelo troféu Redentor. São sui generis demais para o desenho que a curadoria, sob direção de Ilda Santiago previam para 2026, numa celebração transcendente de narrativas de gênero. É gritante o pavimento de suspense (com ecos sobrenaturais) sob “O” ganhador do ano, na ficção: “A Margem do Rio”. É um épico. Um épico queer. Trouxe consigo, de Pernambuco, seu polo

Divulgação

Christian Rodrigues/Festival do Rio

OS PREMIADOS

FILME: “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias

DOCUMENTÁRIO: “Elza”, de Eryk Rocha

CURTA: “Santo”, de Maria Luísa Alves

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: “O Filho da Puta”, por Erica Maradona, Tania Anaya, Otto Guerra e Sávio Leite

DIREÇÃO: Gabriel Martins (por “Vicentina Pede Desculpas”)

DIREÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS: Camila Valença (por “Cão Sem Plumas”)

ATRIZ: Isabel Teixeira (por “Diário do Fogo”) e Grace Passô (por “A Professora de Francês”)

ATOR: Victor Di Marco (por “Lodon”)

ATRIZ COADJUVANTE: Renna Costa, Artia e Ísis Broken (por “A Margem do Rio”)

ATOR COADJUVANTE: Pedro Gólfman (por “A Professora de Francês”)

ROTEIRO: Gabriel Martins (por “Vicentina Pede Desculpas”)

FOTOGRAFIA: Luciana Baseggio (por “A Margem do Rio”)

MONTAGEM: Cristiane Oliveira, Fabio Meira e Juliano Castro (por “A Extraordinária Vida de Vera Valdez”) e Cristiane Oliveira e Tula Anagnostopoulos (por “Ela Foi Ali Guardar O Coração Na Geladeira”)

SOM: Moabe Filho, Guma Farias, Daniel Turini e João Victor Coura (por “A Margem do Rio”)

TRILHA SONORA ORIGINAL: Florencia di Concilio (por “A Professora de Francês”)

FIGURINO: Samy Sill (por “London”)

DIREÇÃO DE ARTE: Ana Paula Cardoso (por “Funk”)

MELHOR FILME PELO JÚRI POPULAR: “Vicentina Pede Desculpas” (ficção) e “Fui Olhar Você Dormir” (documentário)

PRÊMIO FÉLIX (LÁUREA QUEER): “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias

NOVOS RUMOS: “Não Estamos Sonhando”, de Ulisses Arthur

PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO DOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS: “Me Deixa Ser”, de Viviane D’Avilla, com menção honrosa para “144 - Apocalipse Não”, de João Paulo Cuenca

PRÊMIO DA CRÍTICA DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE IMPRENSA CINEMATOGRAFICA: “Lodon”, de Victor Di Marco e Márcio Picoli, e “Seis Meses No Prédio Rosa e Azul”, de Bruno Santamaría Razo



Rejane Faria e equipe de ‘Vicentina Pede Desculpas’, eleito o Melhor Filme pelo Júri Popular



O belíssimo ‘Fui Olhar Você Dormir’, melhor documentário pelo Júri Popular



Maria Luísa Alves, diretora de ‘Santo’



Eryk Rocha e a equipe de ‘Elza’, escolhido como Melhor Documentário



Victor di Marco, ator e codiretor de ‘London’, foi laureado como Melhor Ator



Grace Passô (‘A professora de Francês’) dividiu o prêmio de Melhor Atriz com Isabel Teixeira (‘Diário do Fogo’)

produtor, um refinamento dramático inerente a filhas/os de sua terra (como Kleber Mendonça Filho, Renata Pinheiro, Lírio Ferreira) e, de Locarno, na Suíça, o Prêmio do Júri.

Calca-se numa fotografia estonteante (mérito de Luciana Baseggio) para erguer saga sobre desejo e resistência às hipocrisias de igrejas conservadoras com foco no tesão voraz de dois homens num mangue.

Diretores de “A Margem do Rio”, o casal Enock Carvalho e Matheus Farias (que trabalharam com Kleber em “Bacurau”) expôs, no palco do Odeon (onde houve

a entrega dos troféus Redentor, no domingo), a necessidade de a arte brasileira combater o fundamentalismo religioso no flanco neopentecostal. Aliás, durante toda a cerimônia, teve gente a estourar rojões pela virada de Lula nas urnas.

Matheus, que cresceu num credo evangélico, diz clamar por “justiça”, frente as segregações que vê, balizadas na Palavra (nunca dita, nem escrita) do Senhor.

Numa forma de narrar sinestésica de flerte com o mistério, “A Margem do Rio” segue os passos de Izaquiel (Caique Copque), um auxiliar de serviços gerais do Recife. Num recorte dessa cidade com

foco em rotas fluviais e manguezais, o rapaz se aventura perigosamente, noite após noite, em encontros secretos com outros homens. Numa dessas investidas em busca de goza, tromba com o pescador de ar sedutor Jeremias (Ítalo Martins, ator em fase de apogeu em sua arte). O flerte entre eles deixa o jovem zelador magnetizado pelo querer. Durante o dia, contudo, a encantaria do sexo vai embora e dá vez a uma rotina laboral capitalista opressora, no momento em que Izaquiel é escalado para trabalhar na sede de um culto evangélico cujo líder é um pastor boquirroto, que não aceita ver piercings na orelha de seu

funcionário, nem tolera ver unhas pintadas nas mãos de seus serviçais. Essa figura, com ares de senhor feudal, que lembra o bispo mau de “O Feitiço de Águila” (1985), é vivido com brilhantismo por Robério Diógenes, o delegado “imperfeito” de “O Agente Secreto” (2025).

Coube à produção ainda as estatuetas de fotografia, de som e de atriz coadjuvante, dividida por Renna Costa, Artia e Ísis Broken, além da láurea LGBTQIAPN+, o prêmio Félix.

O júri da disputa principal do Festival do Rio, chefiado pela espanhola Esther García (produtora da El Deseo, matriz dos filmes de Almodóvar) contou ainda com a compositora Flavia Tygel, a programadora da Berlinale Jacqueline Lyanga; a diretora de elenco Marcela Altberg; e a produtora Sophie Erbs. Eles coroaram Matheus e Enock ao mesmo tempo em que fizeram festa para um dos documentaristas de maior prestígio das Américas, Eryk Rocha, pelo esplendor de seu “Elza”. O novo exercício de não ficção do realizador de “Cinema Novo” (Prêmio Oeil d’Or em Cannes, em 2016) persegue os rastros fonográficos e biográficos de Elza Soares (1930-2022), para entender como ela virou porta-voz das pautas identitárias das mulheres pretas do país. “Nas eleições, vamos decidir se o Brasil prefere ser uma nação ou uma colônia”, provocou Eryk. “A Elza é um corpo coletivo. Esse prêmio vai para todas as Elzas espalhadas Brasil afora”.

Foram decisões que subvertem normas e celebram a ancestralidade que rejeita grilhões coloniais, corporificando (e espiritualizando) a resiliência das populações pretas do país.

Foi um Festival do Rio mal calibrado nos curtas, com a exceção da pílula vencedora, “Santo”, só que perspicaz no tráfego por filões clássicos (como o faroeste) nos longas-metragens, vide o western “Maria de Maria”, de Luiza Shelling Tubaldini, e suspense horrorífico “A Professora de Francês”, que premiou a atriz Grace Passô dois meses depois de ela vencer Gramado, só que como diretora, com “Nosso Segredo”, sua estreia na realização.

Saímos da maratona com um personagem encantador: o cachorro falante Bacalhau. Interpretado por Matheus Nachtergaele, o cão é a medida de brasilidade de “O Filho da Puta”, desenho cujo protagonista foi vivido pelo cineasta mineiro Gabriel Martins, ganhador da estatueta de Melhor Direção por “Vicentina Pede Desculpas”. É o périplo de uma septuagenária a pedir perdões às vítimas de um desastre rodoviário ao qual seu filho, chofer de lotação.

Terminado o Festival do Rio, chegou a hora e a vez da Mostra de SP, que abre suas atividades na quarta, recebendo (lá dos EUA) James Gray e seu “Tigre de Papel”.

ENTREVISTA | BRUNO SANTAMARÍA RAZO

CINEASTA

‘Quero acreditar que as interpretações são verdadeiras’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Trinta anos separam uma descoberta infantil de sua reconstrução pelo cinema em “Seis Meses no Prédio Rosa e Azul”, longa-metragem com que o mexicano Bruno Santamaría Razo atravessou o Atlântico para desembarcar na Croisette. A produção nasceu em Cannes, na Semana da Crítica, que acolheu em concurso essa coprodução do México com o Brasil e a Dinamarca.

Inspirado nas memórias do realizador e rodado em 16mm, o filme volta à Cidade do México do início da década de 1990. No dia em que completa 11 anos, Bruno percebe que nutre sentimentos pelo melhor amigo, Vladimir, ao mesmo tempo que recebe uma notícia capaz de alterar a estrutura de sua família: seu pai foi diagnosticado com HIV. Como nas canções de salsa, todos cantam e dançam numa tentativa de afastar a dor. Três décadas depois, Santamaría Razo retorna àquelas lembranças para filmar e reinventar aquilo que, menino, não conseguiu compreender inteiramente.

Encerrado no domingo (11), o Festival do Rio ainda ganha uma espécie de prorrogação nesta terça-feira (13), quando “Seis Meses no Prédio Rosa e Azul” volta ao circuito carioca, às 16h45, no Estação Claro Gávea. O filme conquistou o Prêmio da Crítica da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) e foi adquirido para exibição no Telecine.

Há muito de Brasil em suas imagens. A coprodução nacional é da Desvia Filmes, com participação das produtoras Rachel Daisy Ellis e Camille Reis, além de uma extensa frente brasileira no trabalho artístico e técnico, que passa pelo ator cearense Demick Lopes, pelos montadores Marília Moraes e Eduardo



Eduarda Goulart/Divulgação

“Existe muita presença do Brasil no filme, mesmo no trabalho feito no México. E sinto que isso não é casual. O filme tem um espírito muito festivo, muito colorido, essa ideia da ‘vecindad’, de vizinhança”

Serrano, pela desenhadora de som Miriam Bideram, pelo compositor Leo Chermont, pelo estúdio de efeitos especiais Aberración Kromática Filmes, pela produtora executiva Amanda Luna e pelas pós-produções Bia Baggio e Ivich.

Autor dos documentários “Margarita” e “Cosas que no Hacemos”, Santamaría Razo troca agora a observação da intimidade alheia por uma investigação da própria família. Ao Correio da Manhã, ele fala sobre os limites éticos desse movimento, a importância dos parceiros brasileiros e sua admiração por Eduardo Coutinho.

Em “Margarita” e “Cosas que no Hacemos”, você investigava a intimidade de outras pessoas. Agora, volta-se para a própria infância e para as feridas de

sua família. O que mudou em sua maneira de filmar quando você passou a ser também matéria-prima do filme?

BRUNO SANTAMARÍA RAZO - Sempre existiu uma pergunta que me incomodava quando trabalhava com Margarita ou com Dayanara, protagonista de “Cosas que no Hacemos”: “Que permissão tenho para entrar nesta vida e depois compartilhá-la?”. Entendo o valor disso, sei que faz parte do trabalho e que os vínculos criados durante os projetos são profundos e reais, mas sempre existe alguma coisa que me faz perguntar por que estou tendo tanto acesso. Durante a pandemia, por acaso, fechou o lugar onde eu estava fazendo outro documentário, por questões de saúde, morte e medo. Isolado, lembrei-me de outra pandemia que tinha afetado direta-

mente a minha família e provocado movimentos e lembranças sobre os quais não falávamos. Decidi entrevistar minha família e percebi que as mesmas perguntas voltavam: “Que direito tenho de chegar tão perto?”. Mas alguma coisa mudou. Pensei que, se havia chegado tão perto de Margarita e Dayanara, deveria fazer exatamente o mesmo com meus pais. Não poderia haver uma diferença. Quando também entrei no filme, pensei da mesma maneira. O tratamento precisa ser feito com muito cuidado, sensibilidade e amor, mas com disposição para chegar tão profundamente quanto a história exigir. Portanto, meu método de aproximação da intimidade não mudou tanto. Entendi, porém, que essa pergunta estará sempre presente. É uma espécie de ferramenta de cuidado, uma ferramenta ética. Esteja eu trabalhando com outras

peças, com a minha família ou comigo mesmo como matéria-prima, é preciso chegar até onde as pessoas e a história necessitem e permitam.

O Brasil não aparece apenas como coprodutor nominal de “Seis Meses no Prédio Rosa e Azul”. Há uma participação brasileira extensa na construção artística do filme. O que essa colaboração trouxe para você?

Foi uma coprodução incrível. Rachel, Camille e Amanda formaram uma equipe que participou de maneira muito importante do filme. Houve participação brasileira na montagem, no som, nos efeitos, na coprodução. Foi uma colaboração artística realmente necessária. Rachel e Camille estiveram muito próximas, vendo os cortes e opinando desde o roteiro. Uma de nossas produtoras mexicanas também é brasileira e produziu a partir do México. Portanto, existe muita presença do Brasil no filme, mesmo no trabalho feito no México. E sinto que isso não é casual. O filme tem um espírito muito festivo, muito colorido, essa ideia da vecindad, de vizinhança, de crescer em espaços nos quais a intimidade é um pouco rompida, e sinto que há algo disso que também se compartilha com o Brasil. Tudo isso foi fundamental.

E o que conhece do cinema brasileiro? Existem cineastas daqui que dialogam diretamente com seu trabalho?

Conheço esse cinema que vem sendo projetado agora e que se tornou uma referência pela liberdade que possui, pelas vozes às quais permite existir. Eduardo Coutinho é uma referência incrível para muitas coisas que faço. “Margarita” tem muita inspiração no trabalho dele. Lembro também de ter visto “Marte Um”, que tem essa questão da comunidade, de estar dentro de uma casa, acompanhando uma família, várias pessoas vivendo naquele espaço. Acho que existe muita relação entre os nossos cinemas e muita verdade, que é uma coisa que me interessa muito nos filmes: acreditar naquilo que estou vendo. Se existe artifício, que ele faça parte da proposta. Quero acreditar que as interpretações são verdadeiras.

Depois de mergulhar nas próprias memórias, para onde você pretende levar seu cinema?

Estou escrevendo um filme que também estabelece um diálogo a partir de memórias coletivas. Desta vez, não serão apenas as minhas. Estou fazendo uma pesquisa, reunindo acontecimentos ocorridos em escolas de ensino médio e que estão ligados a uma questão religiosa.



O Brasil que se vê nas telas

‘Maria de Maria’ e ‘Uma Missa Para Dom Angélico’ vencem o Prêmio Olhar Brasil 2026. ‘Elza’ e ‘O Filho da Puta’ recebem menções honrosas

AFFONSO NUNES

Horas antes da cerimônia oficial de encerramento do Festival do Rio, no Cine Odeon, o prêmio Olhar Brasil 2026 anunciou os vencedores entre os filmes brasileiros que disputaram a Première Brasil da maratona cinéfila carioca. Foram três reconhecimentos: o de melhor longa-metragem de ficção, o de melhor longa-metragem de documentário e duas menções honrosas. A estatueta foi criada para premiar aquilo que seu nome já diz: filmes que fazem o Brasil olhar para si mesmo. E para suas complexidades.

Na ficção, o vencedor foi “Maria de Maria”, de Luiza Shelling Tubaldini. O júri reconheceu “sua precisão para lidar com códigos consagrados do gênero western e recauchutá-los numa lanternagem de brasilidade, aproximando-se (com destreza) da linguagem das HQs, a fim de construir uma heroína que encarne, com realismo, as pautas mais urgentes das lutas feministas do país, calçando-se numa atuação primorosa de Nanda Costa”. Os jurados destacaram ainda “a potência visual da fotografia de Jacob Solitrenick numa narrativa que celebra formas não convencionais de construção de família num país que é mais ‘mátria’ do que ‘pátria’, num paradoxo entre afetuosidade e aspereza”.

“Fazer cinema no Brasil é uma luta, fazer western é uma luta maior ainda e fazer o western feminino é uma raridade”, disse Luiza Shelling Tubaldini, com o troféu na mão. “Poder ter o reconhecimento do prêmio Olhar Brasil, para nós, foi



A equipe de ‘Maria de Maria’, de Luiza Shelling Tubaldini, celebra no tapete vermelho do Festival do Rio a conquista do Prêmio Olhar Brasil de melhor longa de ficção



Emília Silveira recebe o prêmio Olhar Brasil de Melhor Documentário do editor do #CM2 Affonso Nunes (E) e do crítico Rodrigo Fonseca

uma honra. Poder fazer cinema no Brasil de gênero, que explore fronteiras e apresente o diferente... Eu estou de verdade muito emocionada.”

No documentário, o troféu foi para “Uma Missa Para Dom Angélico”, de Emília Silveira. Segundo o júri, o filme “em sua cartografia de ideologias e sonhos essenciais à sobrevivência da democracia, lança mão de uma mirada dialética para desenhar um herói possível: o Bispo dos Oprimidos”. E prossegue: “Não cabem idealizações em seu notável roteiro, que não se limita a fatos. Suas interpretações avançam pelo terreno da História com uma verve poética, na tentativa de entender o papel da fé e o papel de um ‘estadista de Deus’ em tempos de crise. É uma abordagem que se põe em dúvida — e nos põe em dúvida — todo o tempo, festejando a dimensão refle-

xiva de um documentário retratista, indo além do personalismo. É uma radiografia de modos de crer, erguido a partir de uma montagem febril”.

“É uma emoção. Você não sabe acordar com uma boa notícia, hoje, no Brasil”, disse Emília. “Fiquei muito, muito feliz com o prêmio, mas entendo que esse prêmio não é meu. Esse prêmio é de uma e é de pessoas que, até hoje, estão lutando e estão tentando transformar a vida delas e dos outros para melhor. Então, queria dedicá-lo ao Dom Angélico e às comunidades de Brasilândia e São Miguel”, destaca a realizadora.

As duas menções honrosas abri-

ram espaço para o improviso e para o arquivo. A animação “O Filho da Puta”, assinado por Érica Maradona, Tania Anaya, Sávio Leite e Otto Guerra, foi premiado “pela exuberância de uma direção de arte capaz de sintetizar muitos Brasis em uma jornada em busca da paternidade, numa pátria de órfãos, apoiado no personagem mais genial de todo o Festival do Rio 2026: o cachorro Bacalhau, que carrega a força vital de Matheus Nachtergaele em sua composição vocal”.

A outra menção foi para “Elza”, de Eryk Rocha, “pela eletrizante colagem de memórias cinematográficas de um povo que encontrou em Elza Soares a voz da resiliência das mulheres deste país... do povo preto deste país, com uma montagem efervescente. O acervo de imagens de arquivo da cantora, em diferen-

tes fases de sua vida, é um diamante, assim como os registros de outras forças femininas negras garimpadas pela pesquisa”.

“A gente está muito feliz com essa menção honrosa do Correio da Manhã. Já tínhamos ficado superfelizes com a matéria que o Rodrigo Fonseca fez sobre o filme, e agora a nota que saiu mencionando a direção de arte, a originalidade que transpira brasilidade, ainda mais nesse momento político que a gente está vivendo — é uma alegria muito grande que o nosso filme transpasse isso”, disse Érica Maradona.

Já Eryk Rocha dedicou o prêmio “a Elza Soares e a todas as Elzas deste país”. O realizador destacou a importância de iniciativas como o Olhar Brasil, que valorizam o nosso cinema.

O júri reuniu cinco jornalistas: Paula Martinez Mello, secretária-executiva do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM/RJ); César Monteiro, crítico de música e resenhista do Rota Cult; Gustavo Valente, crítico e apresentador do Momento Crítico, do canal Set Por Sete; Rodrigo Fonseca, crítico de cinema do Correio da Manhã; e Affonso Nunes, editor do #CM2 e idealizador do prêmio.

Olhar para o cinema brasileiro é olhar para o próprio país. E esse “olhar”, no caso, serve tanto à Sétima Arte quanto ao nosso ofício de informar. O cinema e o jornalismo nos dão meios de observar a realidade, revelar histórias e interpretar seu tempo.

Eder Gaioski/Divulgação



Casmurro repaginado

Montagem do Grupo Teatral Caparaó traz ao Rio uma leitura contemporânea do clássico de Machado de Assis, deslocando o foco da dúvida que atravessa Capitu e Bentinho

Uma pergunta acompanha “Dom Casmurro” desde sua publicação e que, a cada nova leitura, muda de lugar: Capitu traiu Bentinho? Em “Capitu e Bentinho”, montagem que o Grupo Teatral Caparaó apresenta no Teatro Dulcina, a suspeita que domina o narrador do romance de Machado de Assis abre uma fresta para discutir memória, ciúme, versões e a violência de uma história contada quase inteiramente pelo homem que a protagoniza.

Em cartaz até 18 de outubro, a peça chega ao Rio depois de circular pelo Espírito Santo. O grupo, criado em Alegre, no sul capixaba, recebeu sete prêmios no 26º Festival Nacional de Teatro de Guaçuí, entre eles o de melhor espetáculo.

Danyel Sueth assina direção e dramaturgia e está em cena ao lado de Bruna Frari. Os dois não procuram reconstruir o livro. A narrativa fragmentada parte de Capitu e Bentinho, mas abre terreno para que o público encare as lacunas e os mecanismos de uma memória que se apresenta como verdade. A pergunta sobre a fidelidade da personagem, tão repetida ao longo de gerações, deixa de ser um enigma literário para expor todo o peso que o olhar de Bentinho impõe sobre a figura de Capitu.

“Revisitar um clássico, refazer questionamentos e aprofundá-lo na contemporaneidade é algo mais que oportuno, necessário”, afirma Sueth.

O encenador explica que a montagem não tem qualquer pretensão de resolver a dúvida que Machado construiu de modo de-

“Revisitar um clássico, refazer questionamentos e aprofundá-lo na contemporaneidade é algo mais que oportuno, necessário”

DANYEL SUETH

liberadamente ambíguo. O que se vê é uma peça que conversa com o romance, mas também com a forma como a figura de Capitu foi fixada no imaginário brasileiro pela desconfiança alheia.

Para Bruna Frari, assumir a personagem é enfrentar uma presença que atravessa a literatura do país. “Desafio porque é um clássico que faz parte do nosso imaginário e delicioso porque é tão significativo dar vida a uma mulher autêntica,

inteligente e forte. Capitu foi um presente”, diz a atriz. A declaração ajuda a compreender a operação da montagem: recuperar, na mulher observada e julgada pelo narrador, uma pessoa capaz de sustentar desejo, inteligência e contradição.

A música tem função decisiva nessa leitura. Renan Silveira, Marcos Tadeu e Ronnie Silveira executam a trilha ao vivo, dando ao espetáculo uma pulsação que afasta a encenação de uma visita solene

Em ‘Capitu e Bentinho’, a dúvida que permeia os personagens machadianos é apresentada sobre novas camadas de interpretação como a disputa de narrativas e o controle sobre o corpo feminino

ao cânone literário. A ficha técnica reúne ainda figurinos de Márcio Vinícius, cenário de Wendel Olla e Joel Soares, iluminação de André Stefsson e assistência de direção de Flaviane Fonseca.

Fundado em 2010, o Grupo Teatral Caparaó construiu sua trajetória entre dramaturgias autorais e releituras de obras consagradas. Em “Capitu e Bentinho”, esse percurso aparece na aposta de que um livro de 1899 não precisa ser congelado pela reverência. E por isso leva ao palco que nos atravessa questões tão atuais como a disputa de narrativas, o controle sobre o corpo feminino e a facilidade com que uma versão se torna sentença.

Se Capitu não é reduzida à personagem que Bentinho imagina conhecer, o marido tampouco é apenas um vilão. A montagem preserva a tensão que torna o romance duradouro, ao mesmo tempo que mostra como essa tensão foi historicamente lida.

SERVIÇO CAPITU E BENTINHO

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17, Cinelândia)
Até 18/10, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA DISCO | NA LINHA DO TEMPO

POR AQUILES RIQUE REIS*

Sambar é bom e é preciso

Trataremos do álbum “Na Linha do Tempo” (independente), com o qual o grupo Sururu na Roda comemora 25 anos de uma carreira dedicada ao samba. Engalanados na capa, todos a rigor, seguem, com a alma do Sururu, fiéis ao velho e bom pé-sujo, lugar que costuma receber desde a tradição do samba de raiz, quando desce do morro e vem pra cidade, até o pagode que desafia o improviso dos partideiros em duelos de rimas e batuques.

O Sururu nasceu em 2000 no Rio de Janeiro, com a desambição profunda das rodas de bambas do samba. E assim o grupo segue no andamento que o levou a ser um dos símbolos da resistência oral da cultura musical carioca.

Com sua formação atual, Ana Costa (voz e violão), Fabiano Salek (voz e percussão) e Silvio Carvalho (voz e percussão), desenvolvem a tradição e o bom humor que brotam nas noites de sambas e sambistas em torno das mesas dos bares. Convívio este sabiamente revisitado no CD festivo, quando o refinamento dos arranjos igualmente veste smoking: assim o Sururu se renova, conservando-se fielmente igual.

Sururu na Roda gravou em ‘Na Linha do Tempo’ um repertório daqueles para se ouvir com um copo de cerveja gelada ao alcance da mão



Vinicius Vieira/Divulgação

O repertório é de se ouvir com um copo de cerveja na mão, enquanto a outra batuca na mesa e o sorriso ilumina o rosto:

“Mutirão de Amor” (Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Sombriinha); “Sorriso Aberto” (Guará); “Pura Semente” (Acyr Marques e Arlindo Cruz); “Água da Minha Sede” (Dudu Nobre e Roque Ferreira); “Sambas de Roda” (pot-pourri); “O Cavalo de São Jorge” (Paulinho Pinheiro e Roque Ferreira); “Milagre” (Dorival Caymmi) e “Todo Menino é um Rei” (Zé Luiz do Império Serrano e Nelson Rufino); “Conversa de Botequim” (Noel Rosa e Vadico); “Mascarada” (Elton Medeiros e Zé Ketí); “Ex-Amor” (Martinho da Vila); “Seja Sambista Também” (Arlindo Cruz e Sombriinha); “Fogo de Saudade” (Sombriinha); “Testamento de Partideiro” (Candeia) e “É” (Gonzaguinha).

Como de bobo o Sururu só tem as penas, entregou a direção musical do CD para Rildo Hora, que tocou realejo em todas as faixas; trouxeram, também, Mart’nália para participar de “Mascarada” e Marcelo Caldi para tocar piano em quatro sambas, além de Dirceu Leite, que tocou flauta e clarinete em quatro, e Léo Ramiro, que tocou trombone em outros quatro sambas. Ouça o álbum em <https://11nq.com/pcz3b4>.

Ficha técnica

Capa – designer: Simone Campos, foto: Rogério von Krüger; gravação e mixagem: William Luna; masterização: Alexandre Rabaço; produção: Alan Rabelo.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Leo Aversa/Divulgação



Dando voz às damas

Karinah lança em 15 de outubro, às 21h, sua versão de “Você passa eu acho graça”, samba de Ataulfo Alves e Carlos Imperial gravado por Clara Nunes em 1968. A faixa abre o caminho para “As Damas do Samba”, álbum de novembro em que a cantora revisita 16 composições associadas a Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Clara, Elza Soares, Beth Carvalho, Jovelina Pérola Negra, Alcione e Leci Brandão.

Mateus Montoni/Divulgação



Os sons da fauna

O single “A Linguagem dos Pássaros” reúne Enluf, Gabriel Cavalcanti e Bella Band numa sessão gravada em Itaipava, onde o canto das aves da Serra Fluminense foi captado em gravador analógico e incorporado ao arranjo. Entre lo-fi, jazz e texturas acústicas, a faixa antecipa a compilação “Sleep Tales Music Lab Vol. I”, que chega em 29 de outubro. “Trouxemos seus sons para a própria composição”, diz Cavalcanti.

1Kilo/Divulgação



Metáfora de transformação

Rapper de São Gonçalo e artista da 1Kilo, Frajado lançou “Omnitrix”, trap produzido por Zekk que toma emprestado o relógio alienígena de “Ben 10” para falar de evolução e ambição. O músico, que começou em batalhas de rap aos 11 anos e tem um avô compositor da Portela, usa a faixa para marcar uma nova etapa entre o boombap e o trap, com a meta de movimentar a cena e garantir conforto à família.

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Tons do Rio

O Rio tem cor. Tem som. Tem luz. E tem um jeito muito próprio de misturar tudo isso numa única fotografia. Amanhece. Primeiro, um azul quase tímido, lavado de cinza. Depois, uma faixa de rosa desponta no horizonte, tingindo as nuvens de lilás e pêssego. O amarelo chega devagar, derramando-se sobre os telhados, escorrendo pelos morros, acendendo as fachadas. O Cristo Redentor surge em contraluz. A cidade se revela aos poucos, como uma fotografia que emerge no laboratório da memória. E o Rio começa a falar.

O trem corta a manhã num ranger de ferro. Nas avenidas, motores roncam, buzinas reclamam, ônibus suspiram nos pontos. A cidade desperta apressada. Mas, em Ipanema, o mar insiste em outra cadência. As ondas quebram na areia, espalham espuma branca e retornam ao azul-esverdeado do horizonte. Um movimento antigo. Quase uma oração.

Nos galhos, sabiás e bem-te-vis afinam a manhã. Seus cantos atravessam os jardins, misturam-se ao vento, disputam delicadamente espaço com o rumor urbano. Lá no alto, fragatas abrem as asas sobre a paisagem. São traços escuros no azul, pinceladas vivas sobre a tela carioca.

Tom Jobim sabia dessas coisas. Sabia que a natureza também compõe. No Jardim Botânico, diante da majestosa sumaúma, encontrava motivos para demorar o olhar. Imagino o maestro observando a árvore, a luz filtrada pelas folhas, os verdes multiplicados em infinitas nuances. O verde profundo das sombras. O verde-claro das folhas novas. O dourado que o sol deposita nos galhos. Talvez ali compreendesse, mais uma vez, que a beleza não precisa fazer barulho para ser ouvida. O Rio é assim. Tem uma orquestra de contrastes.

Na feira, o grito do vendedor anuncia frutas e verduras. Vermelhos de tomates, amarelos de mangas, laranjas que parecem guardar um pedaço do sol. O pregão atravessa as barracas, mistura-se às conversas, ao ruído das sacolas, ao tilintar das moedas. Na calçada, alguém pede um café. No botequim, copos se encontram. Uma gargalhada rompe o ar. E, numa janela qualquer, o samba escapa sem pedir licença. As cores também conversam.

Há o azul profundo da Baía de Guanabara. O verde da mata que abraça a cidade. O branco das ondas e das nuvens. O cinza dos edifícios, do asfalto, dos dias chuvosos. Há o amarelo dos guarda-sóis, o vermelho dos ônibus, o colorido das feiras. E há aquela luz, tão carioca, que transforma até uma parede descascada em cenário.

Ao entardecer, a paleta muda. O azul vai ficando mais denso. O horizonte recebe pinceladas de coral, cobre, magenta e violeta. As montanhas escurecem lentamente, enquanto o sol, atrás delas, espalha reflexos dourados sobre o mar. No Arpoador, silhuetas se recortam contra o crepúsculo. Por alguns minutos, a cidade parece suspender o tempo.

É quando o ruído das avenidas encontra a música das ondas. Quando o canto dos pássaros se recolhe e as primeiras luzes acendem nas janelas. Quando o Rio troca o ouro da tarde pelo azul profundo da noite.

Talvez seja essa a sua grande arte: nunca apresentar a mesma paisagem duas vezes. Cada amanhecer tem um tom. Cada entardecer, uma nuance. Cada esquina, uma sonoridade. O trem, o mar, os pássaros, o feirante, o samba, a buzina — tudo participa dessa composição imperfeita e fascinante. Tom escutava a natureza. O fotógrafo persegue a luz. O carioca, mesmo sem perceber, vive dentro dessa obra.

E o Rio continua assim: colorido pelo sol, afinado pelos sons da rua, pintado de azuis, verdes, rosas e dourados. Uma cidade de muitos tons. Uma sinfonia de muitas vozes. Uma fotografia que nunca termina.

